

CONTRIBUIÇÕES ARTÍSTICAS E SOCIOCULTURAIS DOS POVOS ORIGINÁRIOS, AS PINTURAS RUPESTRES



Michel Justamand

Resumo

O presente artigo tem por objetivo mostrar que os povos originários contribuíram com a construção da cultura no Brasil. Essa contribuição ocorreria em terra brasilis desde tempos imemoriais. Sendo que uma das principais fontes de comprovações dessa premissa, são as artes. Entre as artes encontradas nos sítios arqueológicos espalhados pelo país estão as artes rupestres. Nesses escritos destacamos as pinturas rupestres como sendo uma das fontes de salva guarda dos conhecimentos pretéritos dos povos originários. Saberes acumulados que foram legados a todos no país.

Palavras-chave: Povos originários. Cultura. Pinturas rupestres.

Abstract

The aim of this article is to show that native peoples contributed to the construction of culture in Brazil. This contribution would have taken place in Brasília land since time immemorial. One of the main sources of proof of this premise is the arts. Among the arts found in the archaeological sites scattered throughout the country are the rock art. In these writings we highlight cave paintings as being one of the sources of safeguard of the past knowledge of the original peoples. Accumulated knowledge that was bequeathed to everyone in the country.

Keywords: Original peoples. Culture. Rock paintings.

Antes de iniciarmos a leitura deste capítulo é necessária uma breve explicação. Partimos aqui como autoria do texto de posicionamentos alternativos a respeito da cultura humana em geral e da material, em especial. Ainda mais depois que autores como ALI (2005), BHABHA

(1998), HALL (1997), SAID (2001) e WALLERSTEIN (2007) com seus escritos pós-colonialistas e contundentes sobre outras fontes de cultura, nos mostram que existem, sim, outras formas de ver, pensar e analisar a cultura não ocidental. Ou ainda ir além dessa concepção analítica que tem como vertente apenas o olhar da Europa ou do ocidente vencedor para as outras partes do mundo (JUSTAMAND, 2016b:114). Uma concepção, para nós, castradora, classificadora, dominadora e que manipula a verdade em seu próprio favor.

Os autores citados acima e outros, apresentam posicionamentos que a nosso entender incorporam produções artísticas e sociais fora desse eixo ocidental e vencedor, como são as pinturas rupestres¹ do Brasil. Nesses escritos nós não nos aprofundaremos nos textos e ideias desses autores acima, mas temos suas concepções em mente quando da nossa escrita. Serão utilizados ao longo da escrita autores da arqueologia e ou da antropologia dispostos a reverter o pensamento único sobre como analisar, refletir e interpretar as produções humanas.

As pinturas rupestres feitas no território brasileiro (JORGE et ali, 2007), mas também em todo o continente sul-americano, no continente os humanos estavam em contato, trocando informações e as levando para todos os lados (LÉVI-STRAUSS, 1978: 44). Assim, essas pinturas foram produzidas antes da conquista europeia das terras ocupadas pelos grupos originários. Muitos desses povos originários² se veem representados nos conhecidos grupos indígenas, que no Brasil passam de 300 segundo os mais

¹As pinturas rupestres têm esse nome por serem feitas em rochas. Elas estão também vinculadas a arte rupestre que agrega as gravuras rupestres afixadas nas rochas com outras pedras e ou com outros materiais.

²Entendemos como povos originários aqueles que chegaram ao continente americano muito antes da conquista europeia. Esses que em muitos casos seus descendentes, mesmo depois de todo tipo de exploração, escravidão, perseguição, assassinatos, ainda vivem e buscam melhores condições de vida no continente.

recentes recenseamentos da população nacional (JUSTAMAND, 2016c: 120).

Não se pode deixar de notar e lembrar que os indígenas atuais têm oferecido enorme contribuição social, cultural e política, para a nossa nação de modo geral, indicando um estilo de vida alternativo, mas capaz de garantir sua própria forma de viver, desde que não seja desviado do seu rumo (Idem: 128).

Vale lembrar ainda que as contribuições, como se notará na leitura do texto a seguir, são formas de expressões e comunicações (JUSTAMAND, 2015a; 2012b) que antecedem em muito a data oficial do dito descobrimento do país, em 1500 (JUSTAMAND, 2014a). Data que somos totalmente contrários, tendo em vista que já existiam humanos nesse espaço chamado hoje de Brasil. Esses humanos fizeram sua história e parte desta ficou registrada nas rochas do país.

Aprendemos muito com a cultura herdada dos povos originários do Brasil. São conhecimentos em todas as áreas da produção intelectual que podem dali tirar influências e sabedorias. Esses saberes/conhecimentos emanados desses povos foram transmitidos de geração em geração (MARTIN, 1997: 308), por meio da fala/oralidade que é muito forte entre esses grupos, mas também como mostraremos ao longo do texto, pelas pinturas rupestres (JUSTAMAND, 2006b: 13).

Temos uma dívida com os povos originários tamanha. A cultura brasileira não seria o que é sem a sua herança, sua participação e sua interferência construída ao longo de milhares de gerações e mantida por esses grupos no território em que hoje vivemos, com a contribuição dos aparatos visuais que são as pinturas rupestres (JUSTAMAND, 2008).

Os vestígios arqueológicos que apresentaremos nesse texto são encontrados em todas as regiões do Brasil. Eles também estão presentes em todos os estados, compondo assim um manual de conduta (DONDIS, 1999: 167; JUSTAMAND, 2005b: 26; 2012b: 29; 2007a: 35), operam como



um banco de informações, quem sabe uma biblioteca (JUSTAMAND, 2015a) com muitos livros expostos para todos os consultarem (KIZERBO, 1982: 680-683) ou ainda um manual de registros visuais grupais (JUSTAMAND, 2015b: 117). As pinturas se afixavam nas rochas, compunham histórias registradas, como se numa lousa (Idem: 119), disponível e a céu aberto para as consultas de todos os partícipes dos grupos que as produziu, mas também os de outros grupos que por ali viveram.

As pinturas são ainda hoje um referencial visual e cultural da história desses ancestrais transeuntes do território nacional. Talvez por isso valha a leitura...

Introdução

As pinturas rupestres estão presentes em todos os Estados do Brasil e possuem considerável importância para a cultura humana. Elas de certa forma contribuíram com a explosão e o despertar cultural humano. Despertar que segundo apontam especialistas teriam ocorrido por volta de 40 mil anos atrás (KLEIN e EDGAR, 2005). Apesar de não aparecerem na maioria dos manuais que tratam da questão cultural, como são os de estudos antropológicos, as pinturas rupestres, apresentam relevantes subsídios para a humanidade. Por este motivo, chamamos a atenção para a necessária inserção das pinturas rupestres como partícipes iniciais da cultura e da identidade nacional, antes que desapareçam por obra da natureza ou pelos depredadores humanos. Depredadores que não as reconhecem como patrimônio cultural a ser preservado por todos. Isso acontece por que não lhes foi ensinado a devida importância desses vestígios para toda a humanidade. Pelo motivo de também não estarem presentes nos manuais escolares mais antigos, mas é algo que, felizmente, vem mudando

atualmente. Ou ainda por total ignorância social, cultural e ideológica dessas produções artísticas ancestrais.

As definições do que vem a ser cultura são muitas, como declara Adam Kupper, elas chegam a mais de 100 (KUPPER, 2002: 83). Nosso objetivo é relacionar algumas dessas às pinturas rupestres, por serem simbólicas e representarem em suas cenas momentos vividos pelos grupos originários. Por simbolizarem a cultura da época, faremos ponderações com alguns autores.

Parece-nos que as adaptações humanas aos meios ambientes diferentes espalhados pelo mundo estavam relacionadas com as cenas das pinturas rupestres ou ainda essas serviram para indicar o que se poderia fazer naquela região específica por onde transitavam os grupos produtores e usuários (JUSTAMAND, 2007b: 15). Elas eram um repositório seguro onde estavam plasmadas as informações necessárias ao entendimento dos processos adaptativos, graças a garantirem a acumulação dos conhecimentos e da sua transmissão (JUSTAMAND, 2016a: 126). Estão ainda hoje inscritas nas rochas de muitos lugares diferentes do Brasil e do mundo (GUIDON e PESSIS, 1992: 19). Esta permanência remonta para mais de 10 mil anos e em São Raimundo Nonato – PI o período de produção das pinturas rupestres pode se estender de seis a 12 mil ou mais anos antes do presente (LAGE, 1998: 204).

Lembramos ainda que as pinturas rupestres tivessem certas funções sociais para os grupos que as criaram e também para os futuros usuários, mas essas funções poderiam tranquilamente ser outras, ou seja, as funções podem ter se modificado muito para cada grupo usuário (JUSTAMAND, 2015a: 63).



As pinturas rupestres e a cultura

A discussão a respeito das definições de cultura e sua relação com as pinturas rupestres terão a participação de comentários de alguns antropólogos e arqueólogos, estudiosos que empregam parte de suas carreiras às análises da cultura humana como um todo. Não teremos condições de aprofundar demasiadamente como gostaríamos as análises por falta de espaço nessa publicação. Entendemos Cultura, com C maiúsculo, no sentido de todas as produções compostas pela humanidade. Acreditamos que todas as culturas juntas é que compõem a grande Cultura Humana. Para nós as produções rupestres dos povos originais do continente americano são representantes dessas culturas e fazem parte da Cultura Humana Ancestral, mas que a todas e todos pertence.

As pinturas rupestres foram úteis para a socialização entre os primeiros habitantes do Brasil e do mundo. Essas pinturas foram uma das formas comunicativas para expressar as necessidades e práticas sociais do período (JUSTAMAND, 2012b: 69). Por haver uma enorme diversidade cultural entre os humanos em qualquer período histórico, no tocante a produções e aos modos de interagir com o mundo ao seu redor, e, destes com os outros humanos, o que nos parece certo é que exista uma complexa Cultura, e não de várias culturas (JUSTAMAND, 2006a: 13).

As pinturas são um exemplo de diversidade cultural. Afirmamos isso por que entre elas há uma grande gama de tendências, diversidades de técnicas e modos de produção, chamados também de tradições, subtradições e estilos (MARTIN, 1997: 239). Existe uma grande variedade delas em solo brasileiro (PROUS, 1991). Entendemos nesse estudo que todas as pinturas pertenceriam há Cultura Humana Ancestral, realizada pelos povos originais do território brasileiro. Esses usuários de tais informações precisariam de um aprendizado para entender e compartilhar as ideias ali impressas. Aprendizado que, ao que nos parece, acontecia

intermediado pelas cenas plasmadas em locais que chamamos hoje de sítios arqueológicos rochosos (KI-ZERBO, 1982: 680-683). O aprendizado tem relação com a participação de cada um na cultura em que se inserem como as dos povos originários, que teria promovido essas ações em terras brasileiras.

Parece-nos que as pinturas rupestres teriam contribuído efetivamente para o aprendizado, naquele momento histórico. Tendo em vista ser um período onde os meios de comunicação eram outros. Poderiam ser orais, gestuais, pintados e ou gravados nas rochas, em ossos de outros animais ou nos de humanos, como também em outros suportes que se deterioraram com o tempo.

De toda forma, as pinturas rupestres, plasmadas nas rochas, garantindo a permanência de informações que poderiam ser importantes para os grupos. Por estarem pintadas onde todos pudessem vê-las e consultá-las quando ambicionassem.

Ao que nos parece as pinturas rupestres em seu tempo, para alguns como já indicado antes, com mais de 50 mil anos no Brasil (GUIDON, 2004), tinham o papel de assegurar e preservar a cultura. Porque mantinham registrados os conhecimentos acumulados e possibilitavam por meio delas o aprendizado. Garantindo, assim, a transmissão destes conhecimentos para as futuras gerações (JUSTAMAND, 2015a). Desse modo, elas funcionavam como uma herança genética das ações e pensamentos humanos, pois todos os atos realizados pelos de nossa espécie dependem inteiramente de um processo de aprendizado. Naquele período ancestral, em terras brasileiras, estiveram, possivelmente, relacionados com as pinturas rupestres. E nos parece que elas contribuía, como um dos aspectos da cultura, para a aprendizagem dos indivíduos dos grupos. A cultura funcionaria como: “Tudo o que um determinado grupo de pessoas, que vivem juntas como uma população em



funcionamento aprendeu a fazer como seres humanos, o seu modo de vida, em suma, deve ser considerada cultura” (MONTAGU, 1972: 14).

Dessa forma, as pinturas rupestres, produções realizadas, unicamente, pelos humanos e que viviam em sociedades comporiam, parecem-nos, a Cultura Humana. Oferecendo contribuições para a cultura dos primeiros habitantes do Brasil, como indicações do que fazer, quando e onde, por meio de suas cenas de alimentação, animais, caça, luta sociais, cerimoniais, sexualidade, parto, amamentação, danças, violência e lúdico (JUSTAMAND et ali, 2016; JUSTAMAND, 2012a; 2015b; 2014a).

Uma característica relevante e facilmente observável da espécie humana é o fato de construir cultura. Esse fato é possível ser notado em todas as épocas da História da humanidade. Notam-se nas pedras lascadas deixadas pelos mais antigos povos originários na África. Parece-nos que tal característica nos proporcionou transpor as limitações da espécie. De um frágil animal com pouca força física passamos a ser o dominador, de certa forma e em alguns casos, do planeta. E, infelizmente, também nos tornamos um dos, se não o maior, predador do globo.

As pinturas rupestres, parte da cultura da nossa espécie, teriam contribuído no processo de acumulação de saberes a serem perpetuados, por proporcionarem visualmente e graças a sua narratividade (GUIDON, 2004) os modos de vida, preservando a experiência humana. Aspectos que foram adquiridos até aquele momento, mas que são construídos ao longo dos milhares de anos da vida dos grupos originários. Proporcionavam a manipulação adequada e criativa do meio ambiente circundante (JUSTAMAND, 2005a), facilitando intervenções/relações com animais e plantas (MARTIN, 1994: 301).

Parece-nos que de um modo muito atuante no cotidiano intragrupos sociais, as cenas de pinturas rupestres ofereciam contribuições, justamente, por integrarem a cultura dos povos originários do Brasil. Assim, a cultura seria o resultado da interação entre os humanos originários

no território brasileiro e o meio ambiente, tendo como riqueza inestimável para a acumulação de informações as pinturas como patrimônio. Elas eram uma herança cultural do período, por resguardarem e apontarem os afazeres dos usuários (JUSTAMAND, 2006a: 15).

Devido aos intercâmbios e trocas de experiências entre grupos via interpretações das pinturas, os povos originários teriam maiores condições de inovar e inventar modos de vida e viver melhor, ao que nos parece. As pinturas rupestres eram parte integrante do desenvolvimento artístico, mas mais do que isso eram parte do aprendizado sociocultural que a partir das possíveis interpretações dos símbolos ali inscritos é que se geravam as ações que teriam apresentado melhores condições de vida (JUSTAMAND, 2012b: 69/70).

Nas pinturas rupestres eram registradas parte das experiências passadas e estimulavam-se, ao menos nos parece, a construção das novas formas de ver e viver. Dessa maneira, a cultura é a soma total do que os humanos produzem, inclusive, o que é aprendido, e também tudo que manifestam e compartilham como as pinturas rupestres de conhecimento dos povos originários espalhadas pelas terras brasilis, em especial no nordeste (MARTIN, 1997: 256).

Por meio da aquisição e desenvolvimento da cultura, os humanos dependem mais do aprendizado transmitido de geração em geração. As pinturas poderiam ter ajudado aos humanos usuários delas a aprenderem os comportamentos socialmente desejados. E ao contrário do que ainda acreditam os mais conservadores, os povos originários do continente, valiam-se de um raciocínio apurado (CHILDE, 1988: 16) tanto qualquer outro grupo humano, ontem e hoje (LEAKEY e LEWIN, 1988).

Parece-nos que as pinturas rupestres teriam contribuído e colaborado, ao menos um pouco, com o incremento do raciocínio dos povos originários locais. Tal colaboração lhes serviu para praticarem desejos e buscarem a solução para as necessidades cotidianas, pois a cultura



é a expressão da liberdade do espírito, sede da criatividade e da inovação incessantes, nunca aprisionadas pela camisa-de-força da “fábrica da ordem” (CARVALHO, 2003).

As pinturas rupestres permitiriam aos primeiros humanos a liberdade de expressão na criação de seus símbolos e de sua cultura, como consequência. Com grande criatividade e sempre renovada. Constatado este fato pelo número de estilos, tradições e ainda subtradições, de pinturas rupestres que encontramos no Brasil (PROUS, 1991). Elas provocam e talvez também incentivassem as mudanças no sistema cultural dos povos originais e seus usuários, por resultarem de um dinamismo das relações sociais internas e externas dos grupos. Dinamismo que ocorria nas redes de relacionamentos entre os aliados ou não, pois não podemos nos esquecer de que havia conflitos entre os povos ancestrais (JUSTAMAND, 2015b: 79).

A cultura é facilitadora da adaptação humana aos espaços e ambientes, constituiria um modo de ajudar a mediar às ações nas regiões por onde transitavam e que eram usadas, mudando-as e também as transformando de acordo com seus desígnios. Usando-se dos acúmulos de conhecimentos do que lhes foi deixado pelas gerações anteriores (MONTAGU, 1972: 131). Já as pinturas rupestres, funcionariam como aparatos fixos auxiliando os humanos nessa adaptação ao meio ambiente, em alguns casos hostis a nossa espécie.

Lembramos que as pinturas rupestres foram sobrepostas e ou completadas por outros grupos, pelos que as produziram ou não, é difícil de afirmar, fatos ocorridos em épocas muito distantes no tempo, digamos até imemoriais. Promovendo entrelaçamentos socioculturais onde deve ter prevalecido o eterno fazer e refazer a si mesmas, pensamos que dessa forma, elas as pinturas rupestres, auxiliaram a cultura humana a ampliar ainda mais, estavam abertas a novas informações e inserções dos povos originários. As culturas são o resultado de misturas e empréstimos de

diversas fontes. Empréstimos que ocorreram por meios das trocas entre as culturas que se encontravam em constante mudança, sempre se adaptando e mesclando-se mutuamente (Kuper, 2002: 34), similar às sobreposições ocorridas nas pinturas rupestres onde as mesclas e trocas de saberes se deram a olho nu (JUSTAMAND, 2015b: 125).

As pinturas rupestres e o aprendizado cultural

No período de 50 mil anos atrás até o presente, todo o espaço terrestre hoje explorado no mundo já havia sido alcançado pelos grupos humanos modernos. Isto significa que todos tinham as mesmas condições mentais. Estes grupos, então, que foram os produtores das pinturas rupestres em todo o mundo. É importante mencionarmos isso para que nós não imaginemos que a nossa cultura hoje é superior a dos primeiros habitantes do Brasil, por imaginarmos que somos mais dotados de inteligência ou de uma tecnologia maior que a dos nossos ancestrais.

O saber e o conhecimento tecnológico se acumulam através da tradição cultural, de forma que a distância material que divide as sociedades afluentes do século XX da sociedade dos antigos coletores-caçadores, ou seja, 50 mil anos, por exemplo, não é equivalente a uma distância inata. No momento, somos exatamente o mesmo animal que éramos há 50 milênios; simplesmente sabemos mais agora do que sabíamos antes (LEAKEY e LEWIN, 1988: 154)

As pinturas rupestres são parte do conhecimento acumulado e transmitido, preservado para estes fins, garantiram, por que junto de outras formas de cultura, em parte sermos o que somos hoje. A contribuição delas tenha sido de grande valia para nós, pois ali se constatava a acumulação e a consequente transmissão de uma série de conhecimentos sobre o local



onde estavam os usuários, essencialmente os povos originários do Brasil (JUSTAMAND, 2008: 32).

Temos como certo que a produção cultural rupestre feita pelos povos originários que são os primeiros habitantes do Brasil, não deve nada a nenhuma outra obra. Todos têm cultura e condições de produzir, como apontou Leakey. Marvin Harris segue o mesmo raciocínio quando descreve que:

Consideram-se todas as populações como possuidoras de um patrimônio comum de reações socialmente condicionadas, que se transmite ou se ensinam de geração para geração. Diz-se que o infante humano passa por um processo de aculturação através do qual chega a participar desse patrimônio de aprendizagem da população na qual é criado (HARRIS, 1968: 179).

Partindo desse princípio de Harris, as pinturas rupestres teriam como um dos seus papéis o de humanizar, ajudando as crianças dentro dos grupos usuários dos povos originais a se integrarem nas suas sociedades, permitindo por meio de suas imagens e cenas uma compreensão da vida dos adultos.

Parecem-nos que os diversos sistemas culturais da humanidade tornam-se subsistemas, nesse caso, eles são partes especializadas de um complexo maior de relações culturais e da Cultura Humana. Dessa forma, as pinturas rupestres como qualquer outra forma cultural, são parte do arcabouço cultural humano. Nenhuma cultura poderia ser compreendida isoladamente, separada, sem se considerar sua relação e adaptação às outras culturas a princípio mais próximas geograficamente e as do mundo como um todo em seguida, dependemos dessas relações socioculturais para as nossas comparações e buscas por melhores condições de vida. Assim, a história de cada sociedade se tornou também a história de todas. Para entendermos realmente a **HISTÓRIA** Humana Geral será preciso e necessário que prestemos atenção às histórias das culturas humanas como

um todo e não fragmentada. Somente relacionado-as é que teremos uma História Geral.

O aprendizado seria intrínseco às pinturas rupestres, pois nelas se encontravam demonstrados, em seus signos e símbolos, cenas da vida daquele período. Mostravam como se relacionar com os outros e com o meio ambiente. As pinturas rupestres proporcionariam formas de aprendizado e que seriam formas de contribuição para a cultura.

As pinturas rupestres teriam o papel de garantir a transmissão das conquistas de saberes e os seus respectivos conhecimentos. Como fazem os meios de comunicações atuais e a escrita, em especial.

As pinturas rupestres e o simbolismo

As pinturas rupestres parecem-nos que, eram formas simbólicas de apresentar e representar a vida em seus aspectos identitários mais diversos, como: religiosos, econômicos e sociais (JUSTAMAND, 2014b). Conforme afirmamos até aqui. Por este motivo que a partir do presente momento dialogaremos com os autores que tratam da questão simbólica.

Desde há milhares ou ainda milhões de anos o cérebro dos humanos foi capaz de criar/gerar emblemas. Parecem-nos que as pinturas rupestres compõem esses símbolos que foram gerados/criados para que contassem suas histórias preferidas, reflexões e divulgassem suas ideias. Essa simbologia rupestre foi muito praticada no Brasil. Os povos originários também em terras brasílicas expuseram seus comportamentos socioculturais por meio dos seus próprios símbolos. Esses símbolos emblemáticos são demarcadores capazes de garantir a perpetuação da cultura ali originada:

O sistema de ideias que constituía uma cultura podia ser observado indiretamente em “suas expressões, incorporações ou resultados” uma das descobertas mais



recentes nesse campo era que as ideias culturais são expressas e comunicadas por meio de símbolos (KUPER, 2002: 84).

Temos como certo, nesses escritos, que essa afirmação de as ideias são, provavelmente, mas não só, transmitidas por meio de símbolos. Parece-nos que as pinturas rupestres teriam tido esse papel de símbolos comunicantes durante milhares de anos antes da conquista europeia, época de sua produção, feitas e utilizadas pelos povos originários.

Os símbolos que constituem uma cultura são veículos de concepções, e é a cultura que fornece o ingrediente intelectual do processo social. Mas proposições culturais simbólicas fazem mais do que articular como é o mundo, elas também oferecem diretrizes sobre como agir nele (Idem: 132/133).

Parece-nos que as pinturas rupestres teriam tido a capacidade de apontar como agir no mundo. Essa forma de simbolização permitiria aos povos originários transmitir seus conhecimentos aprendidos e acumulados durante as diferentes gerações. Estes símbolos resguardariam os valores considerados básicos para a perpetuação da cultura e da sociedade. Então, as pinturas rupestres comporiam, ao menos, uma parte significativa desses símbolos, dos antigos habitantes do Brasil (FUNARI, 2001), ajudando no resguardo de suas histórias. A criação dos símbolos consistiria, basicamente, em associar os significados daquilo que se podia perceber pelos sentidos, ou seja, ver, ouvir, tocar, cheirar, sentir, com as cenas plasmadas nas rochas, paredões e encostas espalhadas pelo país.

Os humanos criadores dessas imagens acumulavam, sem dúvidas, alguns conhecimentos necessários à vida e por intermédio dessas fontes imagéticas poderiam produzir e multiplicar as experiências vividas para as outras gerações ou mesmo grupos. Eles teriam nessas fontes exemplos de como tomar determinadas ações (JUSTAMAND, 2004).

Por esses motivos, da acumulação, da preservação, do resguardo de informações e conhecimentos, parecem-nos que as pinturas rupestres contribuíram para a construção da cultura humana, não só no Brasil, mas no mundo. Esse ato de construção cresceu intensamente pelo empréstimo mútuo de ideias, tendo nas cenas rupestres inscritas nas rochas o amplificar das relações de intercâmbios socioculturais e de comunicação.

A comunicação tem importância para a aprendizagem por meio de símbolos. Parece-nos que as pinturas rupestres teriam sido interessantes auxiliares na educação e na comunicação humana muito antes de 1500. Elas tiveram um papel importante na comunicação não verbal e consequentemente na educação também. Por estarem expostas nas rochas que serviram como lousas com informações substanciais aos povos originais. Permitindo que esses grupos as utilizassem quando lhes fosse interessante ou desejassem.

As pinturas rupestres e as adaptações humanas

Nesses escritos acreditamos que todos os humanos têm condições de serem educados por meio de símbolos, evidentemente que não só, mas também, por meio deles, e que por serem, minimamente, conhecedores das culturas que integram teriam condições adequadas, ou apropriadas, de vida digna. Nesse texto, entendemos como dignidade ter, ao menos, prazer, lazer e afazeres sociais. Além de, é claro, poder participar de festas e cerimoniais. Não podemos deixar de citar que a prática da sua sexualidade era importante. Lembramos ainda que participar de momentos de danças e de produzirem e curtirem suas próprias músicas são essenciais para garantir o que chamamos de dignidade na vida (JUSTAMAND, 2015b: 67-116). Estas condições facilitariam as adaptações humanas aos meios, a nosso ver, mesmo que estes meios fossem os mais hostis.



A adaptação é um refinamento da organização cultural em determinado sentido, uma estrita especificação do meio em que tal organização pode operar, uma estipulação exata de como a cultura se articula com o meio ambiente (SAHLINS, 1966: 105).

Adaptar-se culturalmente é comum a todos os humanos, independente da região que habite no mundo. Para realizar a adaptação se geram novas formas culturais humanas. Parece-nos que as pinturas rupestres teriam uma contribuição nessas adaptações da espécie aos meios ambientes (JUSTAMAND, 2005a). Elas comporiam, para nós, um cabedal de herança sociocultural. Legado deixado pelos mais antigos aos seus descendentes tanto dos de seus grupos quanto os de outros do porvir.

As produções culturais destes grupos, em última análise, nada mais são do que as reações organizadas e repetidas dos membros de uma sociedade. As pinturas rupestres teriam sido componentes extras dessas reações organizadas de uma dada sociedade e que se repetem. Como são as cenas rupestres que se repetem muitas vezes. Essa reincidência artística é um recurso pedagógico garante, em certa medida, a sobrevivência dos conhecimentos adquiridos e acumulados ao longo de anos. Pelo motivo das pinturas serem um reflexo da própria sociedade, ou dos desejos dela, que era segundo que nos parece, movimentar-se e realizar ações.

Parece-nos prudente lembrar que a arqueologia tratou desses vestígios rochosos em uma série de escritos, teses, artigos, livros. Para os trabalhos arqueológicos elas são fontes que amplificam a compreensão da difusão das culturas e suas relações.

No estudo da história cultural, as fontes mais importantes são as fornecidas pela arqueologia. Estas fontes consistem tanto nos produtos manufaturados pelo homem, como no contexto no qual esses produtos são encontrados. Com este material, o pré-historiador pode reconstituir a economia, a organização social e

política, a arte e as crenças das antigas culturas. Pode também usar este material para estudar o desenvolvimento e a difusão de tipos diversos de artefatos, e para estabelecer as relações entre culturas diferentes (TRIGGER, 1973: 13).

Deste modo, as pinturas rupestres, que são também consideradas artes, seriam fontes – por serem produtos da inventividade humana – e um dos aspectos da cultura material. Elas contribuíram, como um dos vestígios humanos, para ajudar na reconstituição da vida cotidiana de nossos ancestrais. No caso brasileiro, elas são úteis para reconstituir, ao menos em parte, a vida dos grupos que habitavam essas terras muito antes de 1500. Elas eram formas que auxiliavam os humanos na busca constante pela adaptação ao meio e a constante movimentação sociocultural. “Quando os povos migraram através da Ásia e da Europa nos tempos primitivos e pré-históricos, era toda uma tribo, ou ao menos uma parte bastante representativa dela, que se movimentava junto. Portanto, era uma cultura que se movia” (ELIOT, 1988: 83).

Nas pinturas rupestres de São Raimundo Nonato no sudoeste do estado brasileiro do Piauí, onde se encontram centenas de sítios arqueológicos, reconhecidos internacionalmente como patrimônio universal pela UNESCO, desde 1991, há inúmeras cenas de andanças (JUSTAMAND, 2015b: 80-1), demonstrando que também os povos originários das terras brasileiras, houve trânsitos, intercâmbios e trocas socioculturais, artísticas, entre outras. Parece-nos que funções materiais também teriam tido espaço nas produções artísticas rupestres. Eliot lembra que: Os materialistas, explicava Sahlins, consideravam cultura como um conjunto de instrumentos, uma tecnologia para a exploração racional da natureza (1988: 214).



Pensamos que as produções rupestres em forma de pinturas serviriam como, uma parte, deste instrumental tecnológico para explorar a natureza em favor da vida humana mais digna.

Considerações Finais

As pinturas rupestres significavam para os primeiros habitantes do Brasil uma forma de comunicação estética. Eram a expressão/representação, de uma parte, da realidade vivida e, também, uma linguagem não verbal. Linguagem que ficou ali exposta e a disposição de todos os transeuntes, que em muitos casos, eram os principais usuários daquelas informações, essas que eram passadas de geração em geração, ao longo de milhares de anos, às vezes, por meio da aprendizagem social e das trocas entre grupos.

As transmissões das informações ocorriam semelhantes as nossas práticas educativas atualmente. Usavam-se das rochas para os mesmos fins que usamos a nossa lousa hoje. O local em que os “educadores” ou os mais “experientes”, daquele período, usavam para o fim pedagógico. Essas pessoas tinham a intenção de transmitir a cultura, valores sociais e, talvez, princípios religiosos, acumulados ao longo da experiência humana. As rochas pintadas poderiam ser completadas de tempos em tempos de acordo com a necessidade ou os objetivos grupais. O completar das rochas é visto nas pinturas rupestres espalhadas pelo país. Em muitos casos as pinturas não eram apagadas, mas completadas, reinterpretadas ou, ainda, sobrepostas (JUSTAMAND, 2015b: 125), como ocorrem com as lousas nas escolas. Em que as informações deixadas são apagadas alguns momentos depois.

Retomando agora os autores citados inicialmente (ALI, BHABHA, HALL, SAID e WALLERSTEIN), apontando o que para nós eles têm em comum e que influenciaram a escrita desse texto. Eles são

autores que se levantaram em seus trabalhos contra o domínio e a colonização ocidental dos paradigmas, ideias e reflexões. Para eles o ponto de vista ocidental é um ponto de referência específico que exclui os outros pontos. Aponta como verdade apenas o que lhe é mais interessante. Por causa desse critério buscamos, influenciados pelos autores pós-colonialistas, tratar dos vestígios deixados pelos povos originários como sendo o que realmente são diferenciados e participes da Cultura Humana Geral.

Utilizamos-nos de termos distantes dos discursos acadêmicos e ocidentais para tratar o que se encontrou no continente americano, como: primeiros habitantes, povos originários, povos originais, conquista europeia, muito antes de 1500. Acreditamos que com esses termos outra História Antiga desse Continente, chamado de América, possa ser contada. Uma História onde caibam muitos mundos e não apenas o que o “periscópio” do ocidente vencedor quer nos convencer de ser o certo.

Como diria o subcomandante desarmado e encapuzado Marcos, diretamente da selva mexicana, pertencente ao Exército Zapatista de Libertação Nacional – EZLN, outra história é possível, uma história onde caibam muitos mundos!

Referências

ALI, Tariq e BARSAMIAN, David. *Imperialismo e Resistência*. Trad. Tatiana Carvalho de Azevedo e Maitê Carvalho Casachi. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARVALHO, Edgard de Assis. *Enigmas da cultura*. São Paulo, ed. Cortez, 2003.

CHILDE, V. Gordon. *O que aconteceu na história*. Rio de Janeiro, editora Guanabara. Tradução Waltensir Dutra. 1988.



DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIOT, T. S. *Notas para uma definição de cultura*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Os antigos habitantes do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2001.

GUIDON, Niède e PESSIS, Anne-Marie. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In: VIDAL, Lux (org.). *Grafismo Indígena*. São Paulo: EDUSP, 1992.

GUIDON, Niède. *Serra da Capivara: 50 mil anos de presença humana*. Revista História Viva. Ano I, n. 10. São Paulo: Duetto, agosto de 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARRIS, Marvin. *A natureza das coisas culturais*. Rio de Janeiro, editora civilização Brasileira. Tradução Célia Neves e Dulcy Melgaço, 1968.

JORGE, Marcos; RIBEIRO, Loredana e PROUS, André. *Brasil Rupestre. Arte pré-histórica brasileira*. Curitiba: Zecrane livros, 2007.

JUSTAMAND, Michel. *A mulher rupestre. Representações do feminino nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*. Alexa Cultural: Embu das Artes: 2014a.

JUSTAMAND, Michel. *A relevância das pinturas rupestres para o meio ambiente*. Revista Espaço Acadêmico. Londrina: UEL, n. 46, março/2005a.

JUSTAMAND, Michel. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). *História e representações: cultura, política e gênero*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012a.

JUSTAMAND, Michel. *As comunicações e as relações sociais nas pinturas rupestres*. Anuário de Arqueologia. Rosário, 2015a, vol. 7 p. 51-65.

JUSTAMAND, Michel. *As pinturas rupestres do Brasil: educação para a vida até hoje*. Revista Espaço Acadêmico. Londrina: UEL, n. 41, outubro, 2004.

JUSTAMAND, Michel. *As pinturas rupestres do Brasil: memória e identidade ancestral*. Revista Memorare. Tubarão: UNISUL, vol. 1, n. 2, 2014b.

JUSTAMAND, Michel. As pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara/PI: caracterização, localização, sentidos e interpretações. In:

JUSTAMAND, Michel; SANCHEZ, Camilo Torres e SOUZA, Josenildo Santos de. *Diálogos Híbridos*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016a.

JUSTAMAND, Michel. *As pinturas rupestres na cultura: uma integração fundamental*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2006a.

JUSTAMAND, Michel. *As pinturas rupestres na História e na Antropologia: uma breve contribuição*. Francisco Morato: Margê editora, 2005b.

JUSTAMAND, Michel. As pinturas rupestres no Brasil: uma discussão atual. In: GRILLO, José Geraldo Costa e SOUZA, Edgar. *Olhares sobre a História do Brasil*. São Paulo: Primeira Impressão, 2008.

JUSTAMAND, Michel. *As pinturas rupestres nos livros didáticos de História*. Francisco Morato: Margê editora, 2006b.

JUSTAMAND, Michel. *As relações sociais nas pinturas rupestres*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2007a.

JUSTAMAND, Michel. *Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar*. Alexa Cultural: Embu das Artes, 2012b.

JUSTAMAND, Michel. Diversidade na tríplice fronteira amazônica: Brasil, Colômbia e Peru. In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Gilse Elisa e CRUZ, Tharcísio Santiago. *Fazendo Antropologia no Alto Solimões: diversidade étnica e fronteira*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016b.

JUSTAMAND, Michel. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Pianuí*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2015b.

JUSTAMAND, Michel. *Pinturas rupestres do Brasil: uma pequena contribuição*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2007b.

JUSTAMAND, Michel. Saberes e conhecimentos do outro no Alto Solimões/AM. Respeitar é preciso! In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Gilse Elisa e CRUZ, Tharcísio Santiago. *Fazendo Antropologia no Alto Solimões: diálogos interdisciplinares*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016c.

JUSTAMAND, Michel; FUNARI, Pedro Paulo A. e ALARCÓN-JIMÉNEZ, Andrés. *Arqueologia da Sexualidade: representações das genitálias femininas e masculinas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016.

KI-ZERBO, J. A arte pré-histórica africana. In: KI-ZERBO, J. *História Geral da África*. Trad. Beatriz Turquetti et ali. Vol. 1. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.



- KLEIN, Richard G. e EDGAR, Blake. *O despertar da cultura*. Trad. Ana Lúcia Vieira de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru, editora EDUSC. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. 2002.
- LAGE, M. da Conceição. *Datações de pinturas rupestres da área do PARNÁ Serra da Capivara*. Revista Clio, série arqueológica, Editora da UFPE, n. 13, Recife, 1998.
- LEAKEY, Richard & LEWIN, Roger. *O povo do lago*. Tradução Nilce Galanti. Brasília: UNB, 1988.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Trad. Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.
- MARTIN, Gabriela. *A pré-história do nordeste do Brasil*. Recife: UFPE, 1997.
- MARTIN, Gabriela. *Registro rupestre e registro arqueológico no nordeste do Brasil*. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1994.
- MONTAGU, Ashley. *Introdução à antropologia*. São Paulo: Cultrix. Tradução Octavio Mendes Cajado. 1972.
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UnB, 1991.
- SAHLINS, Marshall D. *A cultura e o meio ambiente: o estudo de ecologia cultural*. Tradução Vanda Vasconcelos. In: TAX, Sol. Panorama da antropologia. Rio de Janeiro, São Paulo e Lisboa, editora Fundo de Cultura, 1966.
- SAID, Edward. *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura?* São Paulo, Círculo do Livro. S/ data.
- TRIGGER, Bruce G. *Além da história: os métodos da pré-história*. Tradução de Ulpiano Bezerra de Menezes. São Paulo, EDUSP, 1973.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu. A retórica do poder*. Tradução beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2007.